

O implícito como argumentação nos memes



Daniel Laene Mucci
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
laenemucci@gmail.com

Trabajo recibido el 16 de mayo de 2018 y aprobado el 12 de noviembre de 2018.

El implícito como argumentación en los memes

Resumen

Este trabajo discute el implícito en el discurso de los memes en Facebook en la época de las manifestaciones contragubernamentales en Brasil, en 2015, a la luz de la semántica argumentativa y de la retórica. Bajo la perspectiva de Ducrot, defendemos que el valor argumentativo de las palabras es el responsable de la dirección argumentativa del discurso. En nuestra metodología de análisis, recurrimos a la técnica periodística del *lead* y a la descripción de Charaudeau de la escena de enunciación (o escena discursiva). A partir de lo disponible lingüísticamente, planteamos los contenidos que están puestos y presupuestos. Al investigar el contexto situacional, de acuerdo con la historicidad, la ideología y los saberes compartidos de cada situación de la enunciación, inferimos los posibles sobrentendidos para comprender lo que el enunciado pretende decir con lo que se habla. Los enunciados que se analizaron fueron producidos por internautas y cargan las marcas subjetivas, las opiniones ideológicas de sus autores. El sentido —captado por los presupuestos y sobrentendidos— irónico y burlesco de los memes, vistos en este trabajo, construye discursos humorísticos de oposición, revuelta y resistencia. Los autores de los memes, al ironizar y reírse de la protesta contra Dilma Rousseff el 15 de marzo de 2015, tuvieron la intención de criticar, disminuir y desacreditar la manifestación.

Palabras clave

*implícitos
memes
presupuestos
sobrentendidos
argumentación*

The implicit as argumentation in memes

Abstract

This work discusses, in the light of the argumentative semantics and rhetoric, the implicit in the discourse of memes on Facebook at the time of the countergovernmental demonstrations, in Brazil in 2015. Under the

Keywords

*implicitnesses
memes
presuppositions
sub-understandings
argumentation*

Ducrotian perspective, we defend that the argumentative value of words is responsible for the argumentative direction of the discourse. In our methodology of analysis, we resort to the journalistic technique of *lead* and to the Charaudeaunian description of the enunciation scene (or discursive scene). From what is linguistically available, we propose the contents that are put and presupposed. When researching the situational context, according to the historicity, ideology and shared knowledge of each situation of enunciation, we infer the possible sub-understandings in order to comprehend what the statement intends to say with what is spoken. The analyzed statements were produced by Internet users and they carry the subjective marks, the ideological opinions of their authors. The sense —grasped by the presuppositions and sub-understandings— ironic and mocking of the memes, observed in this work, constructs humorous discourses of opposition, revolt and resistance. The authors of the memes, while laughing and being ironic about the protest against Dilma Rousseff (on March 15, 2015), intended to criticize, decrease and discredit the demonstration.

O implícito como argumentação nos memes

Resumo

Este trabalho discute o implícito no discurso de memes no Facebook à época das manifestações contragovernamentais, no Brasil, em 2015, à luz da Semântica argumentativa e da Retórica. Sob a perspectiva Ducrotiana, defendemos que o valor argumentativo das palavras é o responsável pela direção argumentativa do discurso. Em nossa metodologia de análise, recorreremos à técnica jornalística do *lead* e à descrição Charaudeauniana da cena de enunciação (ou cena discursiva). A partir do disponível linguisticamente, levantamos os conteúdos posto e pressuposto. Ao investigar o contexto situacional, de acordo com a historicidade, a ideologia e os saberes compartilhados de cada situação da enunciação, inferimos os possíveis subentendidos para compreendermos o que o enunciado pretende dizer com o que se fala. Os enunciados analisados são produzidos por internautas. Carregam as marcas subjetivas, as opiniões ideológicas dos seus autores. O sentido —captado pelos pressupostos e subentendidos— irônico e debochado dos memes, vistos nesse trabalho, constrói discursos humorísticos de oposição, revolta e resistência. Os autores dos memes, ao ironizarem e rirem do protesto contra-Dilma, em 15 de março de 2015, tiveram a intenção de criticar, diminuir e desconsiderar a manifestação.

Palavras-chave

implícitos
memes
pressupostos
subentendidos
argumentação

1. Introdução

Decifrar possíveis sentidos¹ e intenções de um enunciado, a partir da leitura de um texto monologal (Amossy 2010a), não é tarefa simples. Em um texto monologal não há interação face a face, as respostas não são imediatas, entretanto, ainda assim há dialogismos e, portanto, linguagem. “O diálogo é condição da linguagem e do discurso” (Barros 1997, 34). A alteridade define o ser humano. “A vida é dialógica por natureza” (Bahktin 1992, 35-36 *apud* Barros 1997, 28). Alguém sempre fala para outro alguém:

[...] como persuadir sem fazer compreender, e como consegui-lo se não existe um outro a qual nos dirigimos e que simultaneamente dá ou recusa o seu assentimento? (Meyer 2014, 91).

1. Entendendo, o “sentido como o resultado da significação mais as informações do contexto ou da situação da comunicação” (Fiorin 2015, 36). “Atribuído ao enunciado e pertencente ao domínio dos fatos” (Flores e Texeira 2008, 65).

Mesmo no texto escrito, quando não há possibilidade de troca imediata, “alguém se fixa como locutor, fixando o(s) outro(s) como destinatário(s)” (Koch 2006, 21). No texto de ficção², do tipo que vamos analisar aqui, o enunciador —o personagem— fala pelo locutor/autor para um auditório universal³. Segundo Plantin (2008, 47), a visada universalizante serve melhor ao escrito do que ao oral: “O auditório universal é um auditório de leitores”.

A partir do ponto de vista do auditório, podemos inferir sobre as emoções (*pathos*) visadas (Charaudeau 2007) ou expressas (Kerbrat-Orecchioni 2000) na materialidade linguística discursiva. Tratando da linguagem verbal, Charaudeau aponta marcas (vestígios) de efeitos patêmicos no emprego de certas palavras, tanto por um discurso direto/explicito, quanto por um discurso indireto/implícito, assim como o patêmico é expresso em enunciados com ausência direta ou indireta de palavras patemizantes. As emoções deixam traços nas escolhas, léxicas, sintáticas e pragmáticas (Kerbrat-Orecchioni 2000). Podemos inferir no que é enunciado⁴ literalmente. Do ponto de vista da mensagem (*logos*), podemos perceber na linguagem

as marcas de implícito sugerido, o sentido linguístico e as condições pragmáticas da sua ocorrência, os tipos de discurso utilizados, a narração, o relato ou o conjunto de argumentos (Meyer 2014, 26).

O léxico nos permite, pelas expressões fixas, ordem das palavras, exclamações e interjeições, perceber a afetividade linguística no discurso (Kerbrat-Orecchioni 2000).

A interpretação de um texto escrito, quando se deseja uma boa compreensão de seu caráter argumentativo, exige ler nas entrelinhas. O implícito contribui com a reconstrução do sentido e funciona como reforço à argumentação, apresentando de “forma indireta e velada crenças e opiniões que constituem premissas incontestáveis”⁵ (Amossy 2010b, 143).

É possível o desvendamento de um enunciado, para além do seu sentido literal, com instrumentos da Semântica (Souza, Pasinato, Wayhs 2011). É preciso perceber as pistas que o texto oferece para além do significado⁶ literal das palavras, “reconhecer todos seus empregos possíveis, que podem variar de acordo com as intenções do falante e as circunstâncias de sua produção” (Koch 2006, 27).

Como explica Machado, Rosa e Prado (2010), os conhecimentos da semântica da argumentação enfatizam, além das normas sociais que regem os usos linguísticos, as propriedades lógicas, tais como encadeamento, pressuposições e intenções.

A partir do que foi dito chega-se ao não dito, pela revelação das pressuposições e implícitos camuflados ou velados no discurso (Freitas 1999). É objetivo da Semântica argumentativa encontrar as marcas —que são linguísticas— do enunciado para se chegar ao dizer e ao mostrar da enunciação⁷, “à macrossintaxe do discurso [...] Para se descrever o discurso de alguém, não basta indicar o que a pessoa disse, mas também em que nível ela o disse” (Koch 2006, 23). Baseando-se na estratificação do dizer de Ducrot, a autora explica que o sentido explícito constitui apenas um nível semântico. Subjacentes a ele surgem outros níveis de significação⁸, os implícitos. Koch explica que há dois modos distintos que geram a significação:

2. Assumimos o *meme* como texto ficcional em que sua ficcionalidade é dada, *a priori*, através de um contrato situacional que estabelece o caráter ficcional do enunciado (Mendes-Lopes 2004, 57). Sabemos que o *meme* se constrói por uma montagem de textos e imagens antes desencaixados. Seu contrato (Charaudeau 2004, 2007) pressupõe o caráter da ficção em que um texto e, ou imagem é adicionado a outro texto e, ou imagem como argumentação, opinião, crítica.

3. Adotamos esta noção desenvolvida por Perelman em seu Tratado.

4. Compreendido como a ocorrência histórica da frase, o observável (Flores e Teixeira 2008).

5. Tradução nossa: “L’implicite renforce l’argumentation en présentant sous forme indirecte et voilée les croyances et opinions qui en constituent les prémisses incontestées”.

6. Adotando, assim como Beauclair (2006), significado como um estado descontextualizado da palavra, o vocábulo em “situação dicionarária”.

7. Considerada pela semântica linguística como um acontecimento que se inscreve historicamente no tempo e no espaço, deixando marcas no enunciado (Koch 2006).

8. São os elementos linguísticos e a relação entre eles que gera a significação (Fiorin 2015, 36).

“o da mostração (implícito) e o da representação⁹ (explícito) que correspondem à diferença entre o mostrar e o dizer” (Koch 2006, 27). Dizer (explícito) e pretender dizer mostrando (implícito), portanto, constituem o discurso, como um ato retórico ou argumentativo¹⁰. O discurso para ser bem estruturado deve conter implícitos e explícitos (Koch 2006, 19).

Ao tratar da decomposição da retórica ao longo das épocas, afirmando o seu redesdobramento em termos de discurso e de efeitos de sentido, Meyer (2014) chama o que é dito de literal e o implícito de figurado, considerando-os como delimitações da nova retórica. Um dos objetivos da retórica é “sugerir o implícito através do explícito e descobrir as intenções daquele que fala ou escreve”, atribuindo “razões para o seu dizer, entre outras coisas através do que é dito” (Meyer 2014, 22). A visão do implícito, segundo Meyer (2014), adquire uma nova dimensão a partir dos estudos de Searle e, sobretudo os de Ducrot. O valor argumentativo das palavras, segundo o linguista francês, é o responsável pela direção argumentativa do discurso. “A argumentação está na língua [...] nas frases” que são elas próprias argumentativas (Ducrot 1989, 16-18).

Segundo Beauclair (2006), Ducrot, a partir da proposta do linguista francês Émile Beneviste sobre as relações intersubjetivas inerentes à fala, concebe a linguagem como um instrumento de argumentação, considerando desta forma o debate entre os interlocutores e reconhecendo, no jogo discursivo, a importância dos implícitos. Apesar de haver na pragmática e na semântica várias distinções de implícito —inferências, implicações, implicaturas, alusões, insinuações, entre tantas, conforme nos informam Charaudeau e Maingueneau (2004)— filiaremos-nos à conceituação proposta por Ducrot. O linguista francês divide os implícitos em *pressupostos*, aqueles do enunciado, e em *subentendidos*, os implícitos que não se sustentam no enunciado, mas na enunciação e no poder do interlocutor (Beauclair 2006, 103).

Para se chegar ao implícito, portanto, pressupõe-se e subentende-se. Os pressupostos e os subentendidos são os fundamentos do que não está explicitamente dito. Enquanto os pressupostos estão no léxico, os subentendidos surgem de análises mais profundas, pelas inferências que o interlocutor faz a partir dos pressupostos (Souza, Pasinato, Wayhs 2011, 5). Desta forma, o pressuposto é responsabilidade do enunciador e o subentendido é de responsabilidade do enunciatário (Fiorin 2015). Enquanto o subentendido é inferido de um contexto singular, cuja existência é incerta, o pressuposto é estável (Amossy 2010b).

A partir da divisão dos implícitos, Ducrot conceitua o conteúdo posto —que revela a informação contida na superfície da sentença, e o conteúdo pressuposto— que revela as informações interpretadas a partir do disponível linguístico presente no enunciado das sentenças. “Ambos fundados no sentido literal” (Beauclair 2006, 103-104).

Desvendar o que se encontra implícito para explicar o funcionamento da significação da linguagem verbal exige, segundo Zandwais (1990 *apud* Souza, Pasinato, Wayhs 2011) a apreensão de dois componentes. O componente linguístico, ligado ao ato de pressupor, que dá conta de descrever as significações do enunciado e o componente retórico (da argumentação.), ligado ao ato de subentender, que trata dos “efeitos de sentido nas situações comunicativas” (Souza, Pasinato, Wayhs 2011, 2).

9. Entendido pela autora como referente a um estado de coisas do mundo extralinguístico.

10. Não é nosso objetivo neste trabalho traçar o percurso nem marcar as características e diferenças entre os estudos linguísticos que têm o discurso como tema central. Tratamos a retórica como argumentação, assim como Perelman e Olbrechts-Tyteca em seu *Tratado de argumentação: a nova retórica* (1958).

2. Pressupor

A pressuposição não é um ato de adivinhação, não é uma hipótese. “Só podem ser entendidos através de palavras ou expressões” (Souza, Coimbra 2015, 29). É uma extração e construção das informações presentes no enunciado. O pressuposto deve ser interpretado a partir de um conhecimento compartilhado entre os interlocutores (Beauclair 2006).

São as palavras com alta carga semântica que movem o ato de pressupor. Todas as classes (pronomes, advérbios, verbos, morfemas) contam com “alto grau de produção de implícitos [...] configurando-se assim como pistas fundamentais para se trabalhar com as pressuposições” (Souza, Pasinato, Wayhs 2011, 3). Segundo os autores, são os verbos que mais produzem pressupostos, seguidos dos advérbios (por expressarem diferentes circunstâncias) e os pronomes (principalmente os interrogativos, os possessivos e os indefinidos). Apesar do vasto inventário de pressupostos, o *Dicionário de análise do discurso* (2004) nos indica a classificação menos extensa de Zuber, desenvolvida em 1973. A partir da natureza do conteúdo pressuposto, há os pressupostos existenciais —as expressões definidas que pressupõem a existência de seu referente—, os pressupostos factivos ou contrafactivos —“Pedro sabe que p pressupõe a verdade de p, ao passo que Pedro supõe que p pressupõe, ao contrário, a falsidade de p”—, os pressupostos pragmáticos —ligados à condição de felicidade do ato de linguagem (exemplo: “Feche a porta”, que pressupõe que a porta esteja aberta)—. A partir da natureza do suporte significante responsável pelo pressuposto, há o significante lexical (verbos transformativos, *parar, começar*), os advérbios e conectores (*ainda, mas, mesmo*, etc.), a construção sintática (“exemplo das estruturas clivadas: *Foi Pedro que partiu* pressupõe alguém partiu, ou interrogações de constituinte: *Quando você parte?* pressupõe você vai partir”), e a linha melódica (“pressupostos ligados ao foco do enunciado”) (Zuber 1972, 53-55 apud Charaudeau; Maingueneau 2004, 404-405).

Baseando-se nos estudos de Levinson (1983) algumas palavras possuem a função de ativar os pressupostos como: Exemplo: Machado de Assis ou o Autor de Memórias Póstuma de Brás Cubas; Verbos factivos: verbos que introduzem orações subordinadas (e fatos dados como certos) tais como: lamentou, sentiu, compreendeu, soube; Verbos implicativos: conseguiu (tentou), esqueceu (deveria ter lembrado); Verbos de mudança de estado: deixou, começou; Interativos: pressupõe que a ação indicada pelo verbo já tinha acontecido. Exemplo: de novo, retornou; Expressões temporais: depois, antes; Sentenças clivadas: possuem a forma (Não) foi X que (oração), ou seja, semanticamente a segunda oração contém um fato pressuposto (Moura 2000 apud Machado, Rosa e Prado 2010, 134).

3. Subentender

Enquanto o pressuposto é interpretado a partir do enunciado, o subentendido “deve ser interpretado a partir da intenção do locutor e a partir do reconhecimento do jogo discursivo, o que está implícito em tal enunciação” (Beauclair 2006, 104). O subentendido diz respeito às informações novas, acessadas pelo interlocutor “a partir de um cálculo semântico-pragmático”. É mais profundo do que pressupor. Objetiva averiguar os efeitos de sentido deixados pela fala,

tendo como embasamento as análises dos contextos situacionais, o objetivo do isolamento, em determinado contexto, do que se pretende dizer com o que se fala, a perspectiva de concluir atos de fala inacabados, de acordo com a historicidade e a ideologia (Souza, Pasinato, Wayhs 2011, 4).

Subentendidos são inferidos no contexto da enunciação.

A fim de melhor explicar a diferença entre pressupostos e subentendidos, recorreremos aos exemplos de Ducrot, apresentados por Beauclair (2006, 104) na sua dissertação de mestrado, os quais adaptamos a seguir:

Pedro deixou de fumar.

Portanto: *Pedro não fuma mais* = conteúdo posto.

Pedro fumava antes = conteúdo pressuposto.

Mas se o locutor julga ser o interlocutor um contumaz tabagista:

Você pode também parar de fumar = conteúdo subentendido.

Clareamos a diferença entre o implícito a partir da língua e o implícito a partir do contexto. Alguns autores, entretanto, tais como Beauclair (2006), preferem não especificar, mas considerar somente a categoria dos implícitos. A divisão de Fiorin (2015) para as operações de inferência frente ao implícito nos indica a divisão entre pressupostos e subentendidos. Para o autor, o implícito é apreendido por duas operações. A partir da lógica, em que o interlocutor estabelece o “se... então”, a consequência lógica do que é dito; e a partir da pragmática quando são considerados os contextos (verbal e não-verbal) e os princípios da comunicação. Podemos inferir aqui uma analogia entre a operação lógica e o pressuposto, assim como a operação pragmática com o subentendido.

Apesar das críticas a Ducrot quanto a apoiar a pressuposição somente no material linguístico que o levam, no texto “Estruturalismo e enunciação”, ao renunciar a oposição estabelecida entre pressuposto e subentendido (Koch 2006), não nos interessa nesse trabalho rever as teorias da argumentação nem o percurso teórico do linguista francês¹¹. Reconhecemos “a atuação dos mecanismos enunciativos —seja na língua, seja no contexto—” (Beauclair 2006, 107). Consideramos nesse momento ser importante à nossa pesquisa um esforço de enxergar nos *memes* os não-ditos, marcados pela língua e pelo contexto. Como foram produzidos na época atual (2015), levantamos a hipótese de que encontraríamos os implícitos-subentendidos, porque o exterior ao texto não nos escapa devido à contemporaneidade. Enquanto que o implícito-pressuposto mantém-se no tempo e no espaço.

O processo interpretativo do implícito que consiste em relacionar o que é dito explicitamente com outra coisa além é denominado de inferência, a qual os autores dividem em três tipos. A inferência contextual é aquela em que “o sujeito interpretante se apóia nos enunciados que cercam o enunciado de uma conversação ou de um texto escrito”. A inferência situacional ou interacional ocorre quando a interpretação recorre aos dados da situação. A inferência interdiscursiva é a recorrência a saberes de crenças pré-construídas por (Charaudeau e Maingueneau 2004, 277). Compreendemos, portanto, à luz de Amossy (2010b), que a inferência pode ser realizada a

11. Para essa empreitada, recomendamos Flores e Teixeira (2008) e Plantin (2008).

partir de pressupostos —dados linguísticos— ou de subentendidos —dados situacionais—. Tanto os pressupostos quando os subentendidos são analisados em relação a um sistema de crenças, valores de uma época.

O elo entre o explícito e o implícito é constitutivo da inteligibilidade e o valor argumentativo não é um acréscimo ao explícito, mas pelo contrário, aquilo em vista do qual o explícito é dito como o é. Este implícito não é unicamente feito de pressupostos, ordenado para ser captado pelo locutor, é também o que o explícito sugere ou [...] implica (Meyer 1982, 122-123).

Antes, portanto, de analisarmos os pressupostos e subentendidos dos *memes* escolhidos, vamos discorrer sobre o *meme*.

4. Memes

Há muito as notícias não são mais exclusividade do meio jornalístico tradicional, selecionadas e direcionadas por uma minoria midiática. Desde o fortalecimento da Internet e, em especial, nas redes sociais, produzem-se, comentam e propagam notícias. As redes sociais têm sido um fecundo meio de manifestações midiáticas. A mobilização produzida na rede Facebook¹² por meio dos *memes* tem alimentado o agendamento das mídias tradicionais e permitido uma liberdade de expressão extremada, em que a propagação de ideias tem extrapolado os moldes tradicionais do fluxo de informação dos meios de massa. “A coletividade, portanto, passa a ter importância na formação das notícias, ao tempo em que contribui com elas por meio das manifestações despendidas diuturnamente nas redes sociais” (Sousa 2014, 2).

12. Lançado em 2004, o Facebook é hoje um dos sistemas com maior base de usuários no mundo, funciona através de perfis e comunidades e é percebido como mais privado que outros sites de redes sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros (Recuero 2009, 171).

Manifestado recorrentemente na Internet, o *meme* é um conceito cunhado em 1976 por Richard Dawkins¹³. Como explica Recuero (2009), Dawkins, numa perspectiva evolucionista, compara a evolução cultural com a evolução genética, considerando os *memes* como genes da cultura, perpetuados pelas pessoas, os replicadores. Apesar dos variados tipos e caracterizações propostos pela autora, ela afirma que “o termo *meme* é utilizado para definir pedaços de informação reconhecíveis que se espalham pelas redes sociais na Internet através da replicação” (Recuero 2009, 129). Os *memes* que vamos analisar neste trabalho são os que carregam discursos humorísticos, “prática emergente e frequente na rede social Facebook” (Volcan 2014, 638).

13. Richard Dawkins, *The selfish gene* (*O gene egoísta*, editado em 2007 pela Companhia das Letras).

Concordamos com Volcan (2014) sobre a importância do humor como recurso não somente de difusão de informação, mas também de abordagem dos temas factuais no contexto e fora das redes sociais. Construído com base na linguagem informal, replicado intensamente pelos usuários e com possível efeito viral, o discurso dos *memes* humorísticos dissemina significados e significações importantes de serem investigadas.

5. Contextualização e metodologia

O mês de março de 2015 foi marcado por manifestações em todo Brasil. No início do mês, após a fala em rede nacional da presidenta Dilma, especificamente no dia Internacional da Mulher, ouviu-se buzinas e panelaço¹⁴ em algumas cidades brasileiras. Na sexta, dia 13, manifestantes saíram às ruas por todo país em defesa da democracia, da Petrobrás e do governo da então presidenta Dilma Rousseff. O 15 de março de 2015 foi o dia das manifestações contra-governamentais por todo Brasil. Segundo o jornal

14. Pessoas saem às janelas de suas residências, batendo fortemente em panelas, como forma de protesto.

Folha de São Paulo do mesmo dia, os manifestantes acusavam o Partido dos Trabalhadores (PT) de ser o responsável pelo escândalo de corrupção na empresa estatal de petróleo, a Petrobrás. As manifestações foram convocadas, principalmente, pelas redes sociais.

Por se tratar de uma foto concebida de forma midiática, recorreremos à técnica jornalística do *lead*¹⁵ como inspiração ao nosso procedimento metodológico de descrição da cena de enunciação (ou cena discursiva segundo Charaudeau). Para cada *meme*, respondemos a quem, o quê, quando e onde fala. Além disso, descrevemos o como: a situação da fala (conversa, pensa, grita, susurra, só ou em companhia de alguém, etc). Em seguida, a partir do enunciado literalmente presente, do disponível linguisticamente, levantamos os conteúdos posto e pressuposto. Levantando o contexto situacional, de acordo com a historicidade, a ideologia e os saberes compartilhados de cada situação da enunciação, com a ajuda da imagem que nos responde onde e como está se dando o enunciado, inferimos os possíveis subentendidos para compreendermos o que o enunciado pretende dizer com o que se fala.

15. O *lead* no original inglês, ou lide em português, vem geralmente no primeiro parágrafo da matéria jornalística. Deve responder a o *quê/quem*, *quando*, *onde*, *como* e *porquê* se deu o acontecimento central da história.

6. Análise

6.1. Meme 1 “Rubinho Barrichello no protesto antigovernamental”¹⁶

Conforme se vê no primeiro *meme* analisado, figura 1, o piloto de Fórmula 1, Rubens Barrichello, aponta para a mensagem “Fora Collor”¹⁷, escrita na sua camiseta. O *meme* vem acompanhado do título “Rubinho acaba de chegar para os protestos”. Por este título e por estar na aba notícias do site www.uol.com.br, em meio a outras fotos da manifestação de protesto ocorrida no dia 15 de março de 2015, inferimos que o piloto também estava presente na manifestação pública. O texto verbo-visual nos indica marcas das entrelinhas, do que está implícito.

16. *Meme* recorrente nas redes sociais. Além de março de 2015, foi disseminado em julho de 2013 (manifestação conhecida como “20 Centavos”, contra o aumento da passagem de ônibus) e dezembro de 2014 (manifestações contra o governo e o escândalo na Petrobrás).

17. “Fora Collor” foi um movimento organizado em 1992 por partidos políticos e entidades da sociedade civil organizada que mobilizou milhares de brasileiros a saírem às ruas pedindo a saída do então presidente da República, Fernando Collor de Melo, por estarem indignadas com o envolvimento do presidente em esquemas de corrupção.



Figura 1: Meme Rubinho, 15/03/2015 (fonte: <http://noticias.bol.uol.com.br/fotos/imagens-do-dia/2015/03/15/protestos-pelo-pais-geram-memes-nas-redes-sociais.htm#fotoNav=13>).

Quem fala: O piloto de automóvel Rubinho Barrichelo.

O quê fala: Ele mostra, chama a atenção para um texto escrito na sua camiseta.

Quando e onde fala: Pela cena, não fica claro onde se encontra o piloto, mas por estar de óculos escuros é possível que seja ao ar livre.

Situação da fala: Sem sorrir e de óculos escuros, o piloto indica que a situação é séria, mas sua fala inadequada ao momento presente é contraditória e provoca o riso.

Conteúdo posto 1: "Rubinho acaba de chegar para os protestos".

Conteúdo posto 2: "Fora Collor".

Conteúdo pressuposto: O "Fora, Collor" é um imperativo que pressupõe um desejo que o ex-presidente Collor saia do governo. O piloto está chegando a uma manifestação já começada. E sua fala "Fora Collor" diz que ele está atrasado para o impeachment do Collor, ocorrido há 23 anos atrás.

Conteúdo subentendido: Enquanto foi piloto da Fórmula 1, Rubinho raramente conquistou a *pole position*. Comparado a outros pilotos como Nelson Piquet e Ayrton Senna, Rubinho é considerado um piloto devagar que não chega nos primeiros lugares. Esse rótulo de lento já foi até apropriado pela publicidade, em anúncio da Telefonia Vivo, contando com sua participação. O *meme* reforça o *ethos* do Rubinho (piloto lento ruim e conformado com sua lerdeza) e adjetiva a manifestação como um evento sem importância, onde comparecem os retardatários.

6.2. Meme 2 "Aécio Neves no protesto antigovernamental"

Conforme se vê no segundo *meme*, figura 2, o senador Aécio Neves é representado como um bebê chorão que está de cenho e testa franzidos reclamando de alguma coisa. Por ser publicado na aba notícias do site www.terra.com.br, um dia após a manifestação de protesto contra o governo Dilma, junto a outros *memes* que tratam do mesmo tema, o relacionamos também à manifestação do dia 15 de março de 2015. O *meme* não vem acompanhado de título, ele fala por si.



Figura 2: Meme Aécio, 16/03/2015 (fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/protestos-pelo-brasil-viram-memes-nas-redes-sociais,458ef64c8822c410VgnVCM300009af154doRCRD.html>).

O texto verbo-visual aqui também nos indica marcas das entrelinhas, do que está implícito. A imagem-montada da chupeta sugere para o senador um *ethos* de bebê-chorão e de alguém imaturo. Seu choro está sendo consolado pela chupeta.

Quem fala: O senador e candidato derrotado à presidência da República, Aécio Neves.

O quê fala: Reclama de não ter sido avisado do local de um evento da sua galera.

Quando e onde fala: O plano fechado da foto (close no rosto) não indica onde se encontra e nem quando a foto foi produzida.

Situação da fala: Numa expressão tensa, testa enrugada e cenho franzido, o senador Aécio Neves, mostra-se com uma chupeta na boca.

Conteúdo posto: “Pô, galera, se tivessem me avisado que seria em Copacabana eu teria ido”.

Conteúdo pressuposto: O pretérito mais que perfeito “se eu tivesse sido (avisado)” junto ao futuro do pretérito “seria” indicam que algo aconteceu, alguém não compareceu porque não foi avisado e teria ido se soubesse do local do acontecido. Houve um evento onde o senador compareceria se tivesse sido avisado do local. O local é para o senador mais importante do que o próprio evento. As pessoas que foram ao evento são da turma (galera) do Aécio. O senador ficou chateado, triste.

Conteúdo subentendido: Ao portar uma chupeta e pela fala reclamante, Aécio Neves representa a imagem do candidato inconformado, derrotado à eleição presidencial brasileira. Há também uma crítica ao senador que representa no Congresso Nacional o estado de Minas Gerais, mas, mesmo quando governava o Estado mineiro, é encontrado com mais frequência no Rio de Janeiro, especificamente na zona sul, curtindo a praia. O *meme* chama o senador de infantil e a manifestação de ato de um pequeno grupo, uma turma que frequenta a zona sul do Rio.

6.3. Meme 3 “Chico Buarque e Caetano Veloso no protesto antigovernamental”

Conforme se vê no terceiro *meme*, figura 3, os compositores e cantores da MPB, Chico Buarque e Caetano Veloso, estão conversando e rindo muito. Chico, em primeiro plano, gesticula com a mão e Caetano, um pouco atrás, com uma mão no ombro do colega e a outra mão na própria barriga, “morre de rir” do que o Chico comenta. Assim como o *meme* anterior, por ser publicado na aba notícias do site www.terra.com.br, um dia após a manifestação de protesto contra o governo Dilma, junto a outros *memes* que tratam do mesmo tema, o relacionamos também à manifestação do dia 15 de março de 2015.



Figura 3: Meme Chico e Caetano, 16/03/2015 (fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/protestos-pelo-brasil-viram-memes-nas-redes-sociais.458ef64c8822c410VgnVC-M3000009af154doRCRD.html>).

Quem fala: O compositor e cantor Chico Buarque e seu colega Caetano Veloso¹⁸.

O quê fala: Chico Buarque ironiza o ato incoerente de alguém que não sabe o que diz nem o que faz.

Quando e onde fala: O plano médio da foto não indica onde especificamente se encontram e nem quando a foto foi produzida. Parece um corredor, um local de passagem, com pessoas ao fundo.

Situação da fala: Chico, rindo muito, ironiza alguém que se contradiz. Ao seu lado, Caetano Veloso, também compositor e cantor, com uma das mãos no seu ombro e a outra segurando a barriga de tanto rir, concorda com a fala do colega.

Conteúdo posto: “A criatura reclama que o governo é ditador e vai pra rua exigir DITADURA!!!”.

Conteúdo pressuposto: Presupõe-se que os manifestantes contra-Dilma, especificamente os que proclamam a volta do governo militar, a consideram autoritária, ditadora e, por isso, reclamam. Apesar de reclamar do governo ditador, alguém age ao contrário do que diz, quando vai pra rua pela volta da ditadura. Chamar alguém de criatura é uma expressão usada para ressaltar que alguém cometeu algo ou está inadequado. Não chega a ser um xingamento mas também não é um elogio nem tampouco uma forma usual. Pode ser usado para designar falta de paciência com alguém. A tal criatura é incoerente ou ignorante e, por isso, motivo de riso. Pelos balões de fala, clara referência às HQ ou fotonovelas, pressupomos que o texto é ficcional. A preposição “e” tem sentido de adversidade, de mas, de apesar. A caixa alta (letra maiúscula) na palavra “Ditadura” (na internet entende-se como falar alto, gritar) e as três exclamações ao final da fala indicam exaltação, perplexidade.

Conteúdo subentendido: Caetano e Chico viveram e são contra a ditadura. Sua música e seu posicionamento político apoiam a democracia e as questões sociais. São vistos como politicamente de esquerda, portanto, contra as manifestações pró-impeachment. O *meme* quer dizer que apoiar o afastamento da presidente Dilma é um golpe ditatorial. Seu texto-visual ironiza a ignorância daqueles que não conhecem a história do Brasil e não reconhecem o próprio ato ditador de apoiar uma desstituição de uma presidente eleita pelo voto direto. Não sabem nem porque foram às ruas. O *meme* reforça o *ethos* dos artistas de politicamente bem informados e engajados e chama os manifestantes de ignorantes.

18. Entendemos a fala como linguagem não somente verbal, mas também visual, gestual.

6.4. Fatos que remetem ao não dito

No que se refere ao momento e lugar da enunciação, os *memes* foram produzidos no Brasil, divulgados nas redes sociais, amplamente disseminados no Facebook, no *WhatsApp*¹⁹ e também comentados posteriormente pelos *sites* e *blogs* jornalísticos. Suas piadas-visuais, fotomontagens, argumentam sobre as manifestações ocorridas em março de 2015, especificamente as contrárias ao governo Dilma. O momento era de embate com manifestações de ambos os lados —contra e a favor— por todo país. As redes sociais também foram local de manifestação, reproduzindo opiniões e posições políticas, de forma, majoritariamente, humorística. Cada *meme*, independente da sua posição política (contra ou a favor do governo) argumentava com humor. Sua estratégia argumentativa era a de desmoralizar o “adversário”, pela ironia e deboche, diminuindo-o, julgando-o pejorativamente. De um lado, os que se consideravam patriotas apropriaram-se dos símbolos —bandeira e hino— nacionais eram chamados de “coxinha” pelos seus adversários. De outro lado, os que se consideravam democráticos adotaram a cor vermelha e eram xingados de comunistas e petistas²⁰.

19. Pertencente ao grupo Facebook, este aplicativo para smartphones é usado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão a internet (<http://www.significados.com.br/whatsapp/>).

20. Os substantivos *comunistas* e *petistas* tornaram-se adjetivos pejorativos.

6.5. Considerações sobre o texto analisado

No que diz respeito às significações explícitas, percebe-se que os textos, no seu sentido literal, têm como assunto central o momento político brasileiro, cujos ambientes das cenas discursivas são os atos públicos ocorridos na rua, reportados fotograficamente pela imprensa naquele março de 2015. Os enunciados analisados são produzidos por internautas. Portanto, carregam marcas subjetivas, as opiniões ideológicas dos seus autores. Por si só, os *memes* analisados já são um texto implícito, na medida em que quem fala são os personagens, reais mas em contextos fictícios, conforme contrato situacional (Mendes-Lopes 2004) e situação de comunicação (Charaudeau 2004) previstos. Ou seja, a fala de cada personagem não é associada a ele por acaso. Mensagens, recados, indignações, resistências, informações, representações, opiniões e visões de mundo vêm à tona nos *memes* das redes sociais na Internet.

No campo do pressuposto percebemos marcadores que indicam se tratar de um texto montado por cima do original que foi apagado, de uma intervenção gráfica (montagem de uma ilustração sobre foto) e de balões de HQ/fotonovelas, portanto ficcional. Por tratar de fotos da imprensa, acompanhadas literalmente de textos e marcas visuais absurdas (a mensagem referindo-se a acontecimento de 23 anos atrás e a ilustração da chupeta do senador), temos claramente a marca do humor, no deboche e da crítica política-social.

No plano do subentendido, temos toda a contextualização histórica do país, em que para entendermos o sentido dos *memes*, precisamos conhecer previamente, seus personagens, o que eles representam, assim como a identidade e a política do Brasil. Para entender o *meme*, mesmo com sua linguagem informal e divertida, o leitor precisa conhecer seu contexto. Seu sentido é alcançado pela compreensão do seu significado e da sua significação, na captura do ato linguístico e do ato retórico. Assim, o material linguístico —representado pela escolha dos itens lexicais— e os elementos do contexto em que se realiza a enunciação trazem o instrumental necessário para a apreensão plena do sentido da cena discursiva (Beauclair 2006).

7. Considerações finais

Retomando o que disse Ducrot sobre a ocorrência de implícitos, concordamos que falar a partir de pressupostos e subentendidos é não assumir diretamente a responsabilidade pelo dito. Ainda mais, quando o personagem —mesmo que real numa situação fictícia— fala o que o autor do *meme* desejou dizer. Além disso, ainda numa abordagem ducrotiana, implícitos não suscitam réplicas. Ou seja, são compreendidos e dados como verdades representadas, irrepreensíveis. São, portanto, fortes argumentos. Ao implicitar falas, opiniões e críticas sobre determinados fatos e, ou pessoas, *ethos*²¹ são construídos e *pathos*²² são suscitados. São os implícitos dos *memes* analisados que ajudam a descobrir os motivos de quem cria/escreve/fala. O sentido, captado pelos pressupostos e subentendidos, irônico e debochado dos *memes* vistos neste trabalho constrói discursos de oposição, revolta, resistência. Os autores dos *memes*, ao ironizarem e rirem do protesto contra-Dilma em 15 de março de 2015, tiveram a intenção de criticar, diminuir e desconsiderar a manifestação.

21. Compreendido como a imagem formada pelo locutor no ato do enunciado.

22. Compreendido como as emoções visadas e, ou expressas pelo auditório/interlocutor.

Bibliografia

- » Amossy, Ruth. 2010a. “Cadres formels et institutionnels”. Em *L’ argumentation dans le discours*, 197-220. Paris: Armand Colin.
- » Amossy, Ruth. 2010b. “Éléments de pragmatique pour l’ analyse argumentative”. Em *L’ argumentation dans le discours*, 137-155. Paris: Armand Colin.
- » Barros, Diana L. P de. 1997. “Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso”. Em *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*, editado por Beth Brait, 25-36. Campinas: UNICAMP.
- » Beauclair, Marcelo G. 2006. “Semântica discursiva em textos não-literários: a expressividade da palavra e da não-palavra”. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- » Charaudeau, Patrick. 2004. “A patemização na televisão como estratégia de autenticidade”. Em *As emoções no discurso*, editado por Emília Mendes e Ida Lúcia Machado. Campinas: Mercado Letras.
- » Charaudeau, Patrick. 2007. “Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual”. Em *Gêneros reflexões em análise do discurso*, editado por Emília Mendes e Ida Lúcia Machado. Belo Horizonte: NAD/FALE-UFMG.
- » Charaudeau, Patrick e Dominique Maingueneau. 2004. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.
- » Ducrot, Oswald. 1989. “Argumentação e ‘topoi’ argumentativos”. Em *História e sentido na linguagem*, editado e traduzido por Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes.
- » Fiorin, José Luiz. 2015. *Argumentação e inferência*. São Paulo: Contexto.
- » Freitas, Antonio Francisco de. 1999. “Análise do discurso jornalístico: um estudo de caso”. Em *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. Data de acesso, 31 de maio de 2016. <<http://bocc.ubi.pt/pag/freitas-antonio-dicurso-jornalístico.html>>.
- » Flores, Valdir do Nascimento e Marlene Teixeira. 2008. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto.
- » *Jornal o Estadão*. 2016. “Cronologia: protestos 2015 a 2016”. Data de acesso, 29 de outubro de 2018. <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,cronologia-protestos-2015-a-2016,12157,o.htm>>.
- » *Jornal Folha de São Paulo*. 2015. “Protestos contra o governo reúnem quase 1 milhão pelo país”. Data de acesso, 28 de outubro de 2018. <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1603286-protestos-contr-o-governo-reune-quase-1-milhao-pelo-pais.shtml>>.
- » Kerbrat-Orecchioni, Catherine. 2000. “Quelle place pour les émotions dans la linguistique du XXe siècle? Remarques et aperçus”. Em *Les émotions dans les interactions*, editado por Christian Plantin, Marianne Doury y Véronique Traverso, 33-74. Lyon, France: Presses Universitaires de Lyon.
- » Koch, Ingedore G. V. 2006. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez.
- » Lara, Glaucia Muniz Proença. 2013. “Entre o sincrético e o visual: uma análise de publicidades chinesas”. Em *Imagem e discurso*, editado por Emília Mendes, Ida Lucia Machado, Helcira Lima e Dylia Lysardo-Dias, 194-216. Belo Horizonte: FALE/UFMG.
- » Meyer, Michel. 1982. *Lógica, linguagem e argumentação*. Lisboa: Editorial Teorema.

- » Meyer, Michel. 2014. *Questões de retórica: Linguagem, razão e sedução*. Lisboa: Edições 70.
- » Machado, Tatiane Henrique Sousa, Carolina Martins Rosa e Tânia Bueno Prado. 2010. “Abordagem de pressupostos e subentendidos em exercícios de leitura e interpretação de texto”. *Akrópolis* (Umuarama) 18.2: 131-140.
- » Mendes-Lopes, Emília. 2004. “Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas”. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais.
- » Plantin, Christian. 2008. *A argumentação*. São Paulo: Parábola Editorial.
- » Recuero, Raquel. 2009. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- » Sousa, Deborah S. S. 2014. “Os “Memes” e o Agendamento Coletivo dos Produtos Midiáticos na Pós-Modernidade”. Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Foz do Iguaçu, 1 a 5 de setembro.
- » Souza, Antonio E. de, Rubiamara Pasinato e Mariana de Oliveira Wayhs. 2011. “O ato de pressupor e subentender: considerações sobre aspectos semânticos na leitura e compreensão dos sentidos do texto”. *Linguagem* 17: 1-11.
- » Souza, Antonio E. de, e Ana P. A. Coimbra. 2015. “Decodificação dos sentidos não-literais do texto”. *Entretextos* (Londrina) 15.1: 23-49.
- » Volcan, Taiane de O. 2014. “Comunicação mediada por humor: a legitimação do discurso humorístico pela página Notícias do Senado no Facebook”. *Linguagem & Ensino* (Pelotas) 17.3: 627-646.